

***Sin Querer*, de Jacinto Benavente**

Tradução de Rodrigo Conçole Lage¹

A peça *Sin querer* foi originalmente publicada em Madri, no primeiro número da revista *Electra*, do dia 16 de março de 1901. Mais tarde, foi incluída no volume IV do *Teatro*, de 1904, juntamente com *Modas*, *Lo cursi* e *Sacrificios*. Como temos feito em outras traduções de Benavente, optamos por uma tradução literal, acompanhada de algumas poucas notas.

Deve-se destacar o fato de que o próprio Jacinto Benavente interpretou o papel de Pepe. Luisa foi interpretada pela atriz Rosario Pino (Málaga, 1871 – Madri, 1933), que se destacou por suas atuações nas peças dele e dos irmãos Álvarez Quintero.

A criada foi interpretada pela atriz Guadalupe Muñoz Sampedro (Madri, 15 de fevereiro de 1896 – Madri, 4 de dezembro de 1975) ou por sua irmã Mercedes Muñoz Sampedro (Madri, 1896 – Madri, 4 de fevereiro de 1979), não sabemos ao certo. Assim como não pudemos identificar o nome completo do ator Rubio.

Sem querer
Jacinto Benavente

Esboço de comédia em um ato e em prosa
Estreado no *Teatro de la Comedia* no dia 3 de março de 1901

Elenco

Personagens	Atores
Luisa.....	Sra. Pino
Uma criada.....	Srta. Sampedro
Pepe.....	Sr. Benavente
Don Manuel.....	» Rubio

Em Madri. – Gabinete elegante

SEM QUERER

ATO ÚNICO

¹ Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL).

PRIMEIRA CENA

LUISA, a DONZELA e, depois, PEPE

Criada. Senhorita Luisa, senhorita Luisa!

Luisa. Subiu?

Criada. Sim.

Luisa. Pela escada de serviço? Não o viu ninguém?

Criada. Pela escada de serviço. Como se percebe que a senhorita não está acostumada a estas coisas!... Para chamar mais a atenção!...

Luisa. É verdade; os porteiros o conhecem; e, principalmente, que papai não lhe veja... Corre, que entre, e tenha muito cuidado; assim que meu tio terminar de falar com papai, nos avise...

Criada. Você não se preocupe.

Luisa. E não vá dizer a ninguém...

Criada. Senhorita! Porque você me ouviu contar mais de quatro coisas que viu uma... Tratando-se de você já sei que isto não será nenhuma embrulhada, ainda que pareça.

Luisa. Naturalmente... Você saberá... Anda, não faça barulho ao passar pelo gabinete. (*Sai a criada. Com calma entra Pepe.*)

Pepe. Luisita!

Luisa. Psiu! Não diga nada, não levante a voz, não te movas... Temos que falar; sente-se. Não deixe o chapéu, não fumes... Ugh, que fumaça! Não deixe aí o cigarro. Sente-se, homem, sente-se. Já sabe porque te chamei desta maneira...

Pepe. Sim; suponho...

Luisa. Não supõe, sabes... Sabes que meu pai e o teu conferenciam neste momento.

Pepe. Neste momento?

Luisa. Sim. Trancaram-se no escritório. E era urgente, necessário, que nós nos víssemos antes a sós, com toda liberdade, para chegar a um acordo... Nossos pais decidem ali; pretendem decidir o nosso futuro, dispor de nosso coração... Já está ciente; querem nos casar.

Pepe. Sim; papai estava sempre me dizendo: «As bodas devem ser feitas em família; há mais probabilidades de acertar... Em nossa família há excelentes moças; deves fixar-te em uma de tuas primas.» Mas na realidade, como são vinte e poucas na família... era impossível fixar...

Luisa. Papai estava sempre com a mesma história; mas como o único primo casadouro da família és tu, quando papai me dizia: «Deves casar-te com um de teus primos», eu já sabia que o primo eras tu. Compreende que há muita diferença de poder escolher entre vinte e poucas para não ter onde escolher... Mas além disso, a ideia de nossos pais é ridícula. Por que temos de nos casar? Tu me amas? Eu te amo? Quer dizer, nos amamos... assim, como bons parentes... e esse é o problema; melhor seria que não nos gostássemos nada; eu acredito que me seria mais fácil te amar muito de repente não havendo te amado nada... Mas pense agora: «Eia!, vou amá-la mais, devo amá-la mais.» Por que vou te amar hoje mais do que te amava ontem? E, francamente, te amando hoje como te amava ontem, é um disparate que pensem que nos casemos amanhã.

Pepe. Sim, é perigoso.

Luisa. E vamos ver, o que disse teu pai? Suponho que, antes de decidir-se a falar seriamente com o meu, ele te disse algo.

Pepe. Disse-me o que me diz sempre que fica zangado comigo quando lhe peço dinheiro, quando paga minhas contas: «Já é hora de que acabem as loucuras.» Papai chama loucuras as contas de 500 pesetas para cima... Veja, essas são loucuras do alfaiate, do camiseiro... «É preciso que pense em se casar...»

Luisa. Isso é; quando o senhorito causa problemas em casa...

Pepe. E teu pai, quando pensa casar você?

Luisa. Ai! Sempre que nos toca o turno do Real² e lhe obrigo a deixar sua partida de tresillo³. O que significam as noites do terceiro turno, não lhe importaria ver-me casada com qualquer um. E no papai se compreende esse desejo... Viúvo, com suas ocupações... Eu não posso suportar as aias, nem as damas de companhia; portanto vivo sacrificada, porque papai só se presta a acompanhar-me ao teatro Real; isso sim, as noites em que cantam *A Valquiria*⁴, me dá uma pena!

Pepe. Sim, tu, sinceramente, sozinha com teu pai desde muito menina, já devias ter casado...

Luisa. Já? Tu não vais dizer como papai, que estou passando da hora...

Pepe. Que disparate!

² É o *Teatro Real*, também conhecido como *El Real*, que é a maior casa de ópera de Madri, na Espanha, e que foi inaugurada em 1850.

³ Jogo de cartas com três pessoas, sendo que cada uma recebe nove cartas. Ganha em cada jogada quem faz maior número de vazas.

⁴ É a ópera *A Valquíria* (*Die Walküre*), do compositor alemão Richard Wagner, que é a segunda parte das quatro que compõem a tetralogia *O Anel do Nibelungo* (*Der Ring des Nibelungen*).

Luisa. Não; é que como me puseram vestido longo⁵ muito cedo, porque espichei aos catorze anos, as pessoas acham que tenho mais idade. Mas tu sabes...

Pepe. Ai, sim eu sei! Sou um velho comparado contigo.

Luisa. Velho, não; mas não estás para perder tempo. Nossos pais tem razão; devemos casar-nos; mas cada um para seu lado. Não acha? Não é que eu seja romântica (em toda minha vida terei lido dois romances), nem que eu sonhe com ideais, nem com príncipes encantados; mas estas bodas, arranjadas em família, me parecem bodas de interesse, de conveniência... Um pouco de poesia nunca é demais... Sobretudo, que nós podemos dizer que não nos conhecemos. O que sabes tu de mim? O que sei eu de ti? Nem me importou nunca saber. Sabe ao menos se eu tive algum namorado?

Pepe. Não, que eu saiba, e saímos juntos algumas vezes para bailes e passamos juntos todo um verão.

Luisa. Pois então, eu tinha namorado, veja, e nem sequer ficou sabendo; isso só confirma aquilo que te interessava.

Pepe. Ah, sim, aquele tolo!... Como havia de me importar?

Luisa. Mas se, ao menos, tivesse me amado como parente, devia ter-te importado que eu tivesse relações com um tolo.

Pepe. Estava certo de que tens talento demais para conhecê-lo e não se casar com ele...

Luisa. Muito obrigada, mas continua equivocado; estava apaixonadinho por ele, e ele por mim, nem precisa dizer; e se visse quando um homem se apaixona de verdade, como é difícil distinguir um tolo de um homem de talento!...

Pepe. Não é verdade; um tolo não pode amar como uma pessoa de talento, nem lhe é possível desejar o mesmo.

Luisa. Por que não? Veja, às mulheres o que nos lisonjeia é que por nossa afeição se transformem os homens em outros. A afeição é sempre revolucionária, e para o caso dá no mesmo que as pessoas digam: «Fulano, que era tão simples, ficou astuto desde que você o ama.» Ou que digam: «Beltrano, um homem de tanto talento, que tolices faz desde que se apaixonou por você!» Por isso eu não me casaria com um santo... Que ia eu mudar em um santo? Mas um homem, assim... um pouco perdido... que se deixasse transformar pouco a pouco. Que lindo! Querer a um homem, casar-se com ele e, em pouco tempo, que aquele homem seja outro homem...

Pepe. Um marido de grande espetáculo, com mudanças.

⁵ Está se referindo ao costume de se apresentar oficialmente uma menina de boa família, em um baile, usando um vestido longo.

Luisa. Aí tens o que me parece impossível contigo: porque tu não és bom nem mal, não tens grandes defeitos nem grandes virtudes. Estou equivocada?

Pepe. Quem sabe, quem sabe!

Luisa. Não; parece-me que contigo não há surpresas...

Pepe. Quem sabe, quem sabe!

Luisa. De verdade? Não é o que parece?

Pepe. Quem sabe, quem sabe!

Luisa. Ai! Não seja chato; conte-me esse segredo...

Pepe. Se eu não tenho segredos; digo, quem sabe! Porque eu não sei nada.

Luisa. Mas tu, não quis nunca?

Pepe. Algum dia.

Luisa. Namorada a sério?

Pepe. Não, muito maluca.

Luisa. Digo, pensando em se casar.

Pepe. Pensando muito.

Luisa. E por que a deixaste?

Pepe. Porque descobri que queria a outro.

Luisa. Então diga que quem te deixou foi ela.

Pepe. Não, ela não queria me deixar; também estava por mudanças, mas por outro sistema.

Luisa. E sentiste muito aquele desengano?

Pepe. Com certeza! Foi quando passei aquela temporada em Paris para me distrair.

Luisa. Sim, é verdade. Vamos, vamos, parecia o romancinho.

Pepe. Quando tio Ramón foi me buscar, comissionado por papai, porque lhe haviam dito que eu tinha ali amores.

Luisa. Que engraçado! Com uma francesa... E tio Ramón, queira ou não, te trouxe pela orelhinha...

Pepe. A mim, não; adoto o sistema mais prático, eu trouxe ela... No teatro Japonês a tem cantando.

Luisa. Pobrezinho! Todas te deixam... Deves ter o coração destroçado...

Pepe. Não acredite, fortalecido. Meus equívocos na vida foram enganos, não desenganos, e não me tem entristecido nem sequer me tornaram desconfiado. Meu coração está aberto de par em par⁶.

⁶ No sentido de “completamente”.

Luisa. Esperando o amor sonhado, o ideal... Não é isso?

Pepe. Eu nunca acreditei que o afeto..., o amor, na linguagem poética, seja por si só a felicidade; nos leva docemente pela mão até a entrada; mas depois o caminho é penoso, e o amor, débil menino, tem que transformar-se em algo mais sério, mais forte, para seguir adiante, no dever, no sacrifício...

Luisa. Está muito bom isso que você diz... Primeira surpresa!

Pepe. Bah! Tantas surpresas podia te dar, e tu a mim, e os dois a nós mesmos... O que sabemos da vida? Como nos educaram? Com o sistema dos pais na Espanha: de considerar os filhos sempre como criancinhas; eu, em minha casa, sou sempre Pepito; tu, Luisita, sempre para teu pai: duas criancinhas de quem só se espera alguma travessura, de quem nada se toma a sério; nossos caprichos, mais ou menos discutidos, sempre satisfeitos; crianças mimadas por nossos pais, além disso, mal dispostos a ser maltratados na vida. Quando começamos a viver por nós mesmos, pecaremos por ousados ou por ser tímidos; não saberemos ir com a tranquila segurança que dá a confiança em si mesmo, porque nossos pais nos disseram: «Não seja assim», ou «Deves ser assim»; mas «Você é assim», nunca. Eu não sei como sou, e para você acontece o mesmo.

Luisa. Tens toda a razão. Não nos ensinam a nos conhecer. E agora, porque a nossos pais lhes apetece que tudo fique em casa, porque nos julgam, além disso, incapazes de escolher por nós mesmos, nos dizem, sem mais nem menos, «vão se casar», e, imediatamente, noivos uns dois meses, e assunto encerrado, e depois desgraçados para toda a vida... Se não estivéssemos de acordo para nos opor... Eu te confesso que não serei a primeira a dizer que não; tu deves ser quem...

Pepe. Me oporei.

Luisa. Dizes que sou muito boa, muito bonita, tudo o que quiser; mas que não sou a mulher sonhada... Tu terás o seu ideal, como todo mundo. A propósito, como é o seu ideal?

Pepe. Meu ideal? Para a própria mulher? Você vai rir.

Luisa. Loira? Morena? Alta? Baixinha?

Pepe. Não sei. Está vestida de cinza; é tudo o que posso te dizer.

Luisa. Que maluquice!

Pepe. Como em um cromo inglês que vi há muitos anos: uma dessas cenas plácidas da pintura inglesa; uma garota vestida de cinza, que preparava o *pudding*⁷ de Natal, e ao seu lado, sentado, um jovem, o esposo ou o prometido, e ao redor uns gatos, e ao fundo uns

⁷ Em inglês, no original.

velhos lendo a Bíblia; e do outro lado, por uma porta aberta para um jardim, uns meninos muito loiros, jogando. Havia não sei o que naquele cromo, cena, a cor, um tom geral que envolvia todo, a cor da felicidade a que se pode aspirar neste mundo.

Luisa. Cor de rosa?

Pepe. Não, acinzentado; um tom muito doce; a felicidade que se sonha, se é cor de rosa; a que pode ser alcançada, a da vida, é sempre cinza, a cor da melancolia resignada, da tristeza bondosa que sorri e perdoa e ama.

Luisa. Eu tenho um vestido cinza, não sei se será dessa tonalidade exata; vou usar um dia para me parecer com seu cromo inglês, digo, ao seu ideal; será a única coisa em que me parecerei.

Pepe. E eu, o que tenho de fazer para parecer com seu ideal?...

Luisa. Com meu marido ideal? Ai! Eu sei perfeitamente como não há de ser; mas como há de ser não saberia dizer-lo.

Pepe. E como não há de ser?

Luisa. De muitos modos. Não acredite, os defeitos grandes não me assustam tanto como os pequenos, esses defeitinhos que até parecem graças e são os mais perigosos para a intimidade de toda uma vida. Por exemplo: eu tenho uma amiga que se casou com um rapaz exemplar, um modelo, todo mundo o diz; pois outro dia estiveram aqui de visita, e por um único detalhe me atrevo a prognosticar que não serão felizes. Verá, parece uma bobagem; o marido disse a sua mulher: «Merceditas, tens um descosturado.» E disse de um modo que indicava que naquele matrimônio o marido seria sempre o primeiro a ver os descosturados.

Pepe. Muito engraçado!

Luisa. É que aquilo só indicava uma mudança de papéis muito antipática. Pois o que você me diz quando num matrimônio o marido é o que tem que avisar que se gasta muito? Que coisa mais feia quando a mulher está a toda hora: «Eu compraria isto, eu teria este outro»; e o marido: «Que a vida é muito cara, que não podemos gastar tanto!...» Em contrapartida, não há nada mais bonito para uma mulher que, sem nunca pedir nada, ver-se presenteada por seu marido de vez em quando com algum presentinho, e, disfarçando mal a alegria, lhe reprender carinhosa: «Por que comprou isto? Não estamos para gastos; devem ter te levado um dinheirão, e é de muito bom gosto», mesmo que seja uma coisa ridícula e saibamos que lhe custou três pesetas?

Pepe. Sabes muito...

Luisa. É meu sistema com papai, e assim consigo que sempre esteja me dando, algumas vezes coisas horríveis; mas, Deus me livre de dizê-lo! E o mesmo faria com meu marido. Há mulheres tão mal educadas que trocam nas lojas os presentes que trazem seus pobres maridos, tão orgulhosos, considerando-os do melhor gosto... Tu dirás em que coisas me concentro e a que detalhes dou importância...

Pepe. Não, não; estamos de acordo... Eu também dou muita importância aos detalhes... e penso como tu...

Luisa. Assim compreenderás que não estava disposta a me casar contigo, nem com ninguém, só para agradar a papai.

Pepe. Nem eu contigo; pode acreditar.

Luisa. Acreditavam, porque lhes convinha... Afortunadamente, verão que nós dois estamos de acordo, e não haverá afronta da parte de ninguém.

Pepe. De minha parte, nunca teria havido; teria me apresentado aqui como namorado para não contrariar papai, e teria feito todo o possível para parecer mal.

Luisa. Pois teria sido um noivado amplamente conhecido, porque eu pensava também parecer-lhe insuportável.

Pepe. Afortunadamente, teve uma grande ideia; depois desta conversa...

Luisa. Não era o melhor? Falar claramente, falando as pessoas se entendem; Já viu: falando aqui, a sós, sem fingimentos, deixando-nos levar dessa conversa sem querer...

Pepe. E sem nos amarmos... descobri que tenho uma prima encantadora.

Luisa. E eu que tenho um primo muito simpático e muito sensato, que pensa como eu em muitas coisas da vida.

Pepe. É que você pensa muito bem em tudo.

Luisa. De maneira que nossos pais, se não conseguem o que tencionam, conseguiram algo melhor para nós: que a partir de hoje nos estimemos de verdade; quando antes, a mim, o confesso, me eras indiferente, mas muito indiferente.

Pepe. Como tu a mim.

Luisa. E queriam nos casar!

Pepe. Viu, como era possível?

Luisa. Parece-me que nunca se terá decomposto uma boda mais amistosamente.

Pepe. Certamente que, nos casando, não estaríamos tão contentes um com o outro.

Luisa. Quem me dera, se algum dia me casar, que meu marido se pareça contigo em algo.

Pepe. E eu que minha mulher se pareça contigo em tudo.

Luisa. Verdade?... Do que está rindo?

Pepe. Mas já reparou no que estamos dizendo?

Luisa. Hem?... Mas é verdade. Mas que idiotas! Que idiotas! Agora parece que quase estamos apaixonados um do outro.

Pepe. E que, em vista disso, decidimos não nos casar... O que você acha? É engraçado...

Luisa. Sim; é engraçado...

CENA II

Mesmos e a Criada

Criada. Senhorita! O seu tio saiu do escritório neste momento.

Pepe. Terminou a reunião.

Luisa. E nossa conspiração. Enquanto seu pai desce a escada, saia por aqui. Papai virá em seguida a me dar conta do resultado da conversa. Se soubesse!...

Criada. Fecharam a porta da frente.

Luisa. Então vá..., vai...

Pepe. Eu queria saber, já que estou aqui... Não poderia esperar?...

Luisa. Se papai te ver...

Criada. Sim, em meu quarto; venha você.

Luisa. Não, não; se alguém o vê...

Criada. Você não se preocupe senhorita. Direi que veio por mim... e acreditarão.

Luisa. Pronto; papai vem.

Criada. Venha você... (*Saem Pepe e a criada.*

)

CENA III

Luisa, D. Manuel e, depois, Pepe

Luisa. O que você tem papai? Não me responde? Eu pensei que tinha de falar comigo...

Manuel. Não.

Luisa. Tio Carlos não estava contigo?

Manuel. Sim.

Luisa. Porque veio tão cedo?

Manuel. Por nada.

Luisa. Tem certeza? Ora, papai, o que se passa contigo é que tens de me dizer muitas coisas e não sabes como começar.

Manuel. Não tenho que te dizer nada. E, sobretudo, não voltes a mencionar teu tio. Morreu para mim!

Luisa. Então... meu primo Pepe...

Manuel. Está morto também.

Luisa. Deve avisá-lo que hoje é terceiro turno⁸.

Manuel. E o que?

Luisa. Nada; que com tanto luto na família não me parece certo que a gente vá ao teatro.

Manuel. Terceiro turno! Terceiro turno! Não me importa! A partir de hoje te acompanharei todas as noites ao teatro, se divertirá, nos divertiremos. Não fique triste, minha filha. Acreditará seu tio que não há mais homens que teu primo?

Luisa. Mas é que...

Manuel. E por questão de interesses! Que falta de decoro! Quando eu, fazendo um sacrifício e por se tratar deles, te dotava com minhas duas melhores propriedades e alguns papéis e alguns empréstimos que podem ser cobrados, com o que dirás que aparece teu tio? Como ele não se desprende de nada, vos transferiria um pouco, mas nada mais. Conheço muito seu tio: passaria a vocês um mês, velho avarento! E depois os deixaria morrer de fome. Porque eu vos dou o suficiente para a casa, e o coche, e as viagens de verão; mas se ele não vos dá nada não tereis o que comer. E como vais viver sem comer?

Luisa. É verdade; sem comer e com coche... Para que você criticou?

Manuel. Não tem ideia! Disse o que pensava dele há muito tempo e do perdulário⁹ do seu filho...

Luisa. Mas, o que sabe Pepe?...

Manuel. No momento que souber.

Luisa. Ai, papai, está muito alterado!

Manuel. É que não posso com as pessoas que tudo sacrificam ao interesse, como se tudo na vida fosse questão de dinheiro e isso valesse a dor de desfazer uma família. Um pouco! Um pouco! E o velho astuto nem sequer queria assinar, para não se comprometer com nada. Pensava que eu ia te casar sem garantias?

Luisa. É a moda, papai.

⁸ O terceiro turno é o horário da noite. Em alguns lugares vai das 22:00h as 06:00h e, em outros, vai das 22:30h as 06:30h.

⁹ “Botarate”, no original, significa uma pessoa agitada e sem juízo, mas também tem o sentido de esbanjador, perdulário.

Manuel. Não leve na brincadeira.

Luisa. Pelo contrario. Quero dizer, que vocês dispõem e vos indispõe quando vos convém, sem contar conosco para nada, como se Pepe e eu fossemos duas criancinhas sem vontade e sem coração; nem antes vos importava que não nos amássemos, nem agora que pudéssemos nos amar. Não é isso?

Manuel. Queres dizer-me que estás apaixonada de teu primo...

Luisa. Suponhamos que estivesse.

Manuel. Deixemo-nos de suposições...

Pepe. Sim, deixemo-nos. Eu estou apaixonado pela Luisa.

Manuel. Eh! O que tu fazes aqui? O que significa isto?

Pepe. Significa que, enquanto vocês falavam de interesses, nós temos deixado falar o nosso coração; e como falando, falando as pessoas se entendem...

Luisa. Decidimos o contrário de vocês, nos casar.

Manuel. Assim... em meia hora. Estão doidos!

Luisa. O que você quer? Meia hora de conversa, convencendo-nos de que não devíamos nos casar, nos deu a conhecer melhor que dois anos de relacionamento para nos casar.

Pepe. Não tínhamos porque fingir...

Luisa. Nem porque nos enganar.

Pepe. Conversamos com franqueza, decididos a não nos amar.

Luisa. E sem amar, sem amar...

Manuel. Isso pensam vocês. Não devem ter flertado pouco! Enfim, de minha parte, se vos enganais, e acreditando conhecer-vos a fundo, vos conheceis menos do que nunca...

Pepe. Já não é preciso que nos conheçamos mais.

Luisa. Agora basta amar-nos muito. (*Cortina.*)

FIM DA COMÉDIA

Sin querer
Jacinto Benavente

Boceto de comedia en un acto y en prosa

Estrenado en el *Teatro de la Comedia* el día 3 de marzo de 1901

Reparto

Personajes	Actores
Luisa.....	Sra. Pino
Una doncella.....	Srta. Sampedro
Don Manuel.....	Sr. Benavente
Pepe.....	» Rubio

En Madrid. – Gabinete elegante

SIN QUERER ACTO ÚNICO

ESCENA PRIMERA

LUISA, la DONCELLA y después PEPE

Doncella. ¡Señorita Luisa, señorita Luisa!

Luisa. ¿Ha subido?

Doncella. Sí.

Luisa. ¿Por la escalera de servicio? ¿No le ha visto nadie?

Doncella. Por la escalera de servicio. ¡Cómo se conoce que la señorita no está acostumbrada a estas cosas!... ¡Para llamar más la atención!...

Luisa. Es verdad; los porteros le conocen; y sobre todo, con que papá no le vea... Corre, que pase, y ten mucho cuidado; en cuanto salga mi tío de hablar con papá, nos avisas...

Doncella. Descuide usted.

Luisa. Y no vayas a decir a nadie...

Doncella. ¡Señorita! Porque me haya usted oído contar más de cuatro cosas que ha visto una... Tratándose de usted ya sé que esto no será ninguna trapisonda, aunque lo parezca.

Luisa. Por supuesto... Ya lo sabrás... Anda, no hagas ruido al pasar por el gabinete. (*Sale la doncella. A poco entra Pepe.*)

Pepe. ¡Luisita!

Luisa. ¡Chist! No digas nada, no levantes la voz, no te muevas... Tenemos que hablar; siéntate. No dejes el sombrero, no fumes... ¡Uf, qué humo! No dejes ahí el cigarro. Siéntate, hombre, siéntate. Ya supondrás por qué te he llamado de esta manera...

Pepe. Sí; supongo...

Luisa. No supones, lo sabes... Sabes que mi padre y el tuyo conferencian en este momento.

Pepe. ¿En este momento?

Luisa. Sí. Se han encerrado en el despacho. Y era urgente, preciso, que nosotros nos viéramos antes a solas, con toda libertad, para ponernos de acuerdo... Nuestros padres deciden allí; pretenden decidir de nuestro porvenir, disponer de nuestro corazón... Ya estás enterado; quieren casarnos.

Pepe. Sí; papá siempre me estaba diciendo: «Las bodas deben hacerse en familia; hay más probabilidades de acertar... En nuestra familia hay excelentes muchachas; debes fijarte en una de tus primas.» Pero la verdad, como sois veintitantas en la familia... era imposible fijarse...

Luisa. Papá estaba siempre con la misma canción; pero como el único primo casadero de la familia eres tú, cuando papá me decía: «Debes casarte con uno de tus primos», ya sabía yo que el primo eras tú. Comprende que hay mucha diferencia de poder escoger entre veintitantas a no tener dónde escoger... Pero aparte de eso, la idea de nuestros padres es ridícula. ¿Por qué nos hemos de casar nosotros? ¿Me quieres tú a mí? ¿Te quiero yo a ti? Es decir, nos queremos... así, como buenos parientes... y eso es lo malo; mejor sería que no nos quisiéramos nada; yo creo que me sería más fácil quererte mucho de pronto no habiéndote querido nunca nada... Pero pensar ahora: «¡Ea!, voy a quererle más, debo quererle más.» ¿Por qué voy a quererte hoy más de lo que te quería ayer? Y, francamente, queriéndote hoy como te quería ayer, es un disparate que piensen que nos casemos mañana.

Pepe. Sí, es expuesto.

Luisa. Y vamos a ver, ¿qué te ha dicho tu padre? Supongo que antes de decidirse a hablar con el mío seriamente te habrá dicho algo.

Pepe. Me ha dicho lo que me dice siempre que se enfada conmigo, cuando le pido dinero, cuando paga mis cuentas: «Ya es hora de que acaben las locuras.» Papá llama locuras a las cuentas de 500 pesetas para arriba... Ya ves, ésas son locuras del sastre, del camisero... «Es preciso que pienses en casarte...»

Luisa. Eso es; cuando el señorito da guerra en casa...

Pepe. Y tu padre, ¿cuándo piensa casarte a ti?

Luisa. ¡Ay! Siempre que nos toca el turno del Real y le obligo a dejar su partida de tresillo. Lo que es las noches de tercer turno, no le importaría verme casada con cualquiera. Y en papá se comprende ese afán... Viudo, con sus ocupaciones... Yo no puedo soportar a las

ayas, ni a las señoras de compañía; así es que vivo sacrificada, porque papá sólo se presta a acompañarme al teatro Real; eso sí, las noches que cantan La Walkyria ¡me da una lástima!
Pepe. Sí, tú, la verdad, sola con tu padre desde muy niña, ya debías haberte casado...

Luisa. ¿Ya? No dirás tú como papá, que me estoy pasando...

Pepe. ¡Qué disparate!

Luisa. No; es que como me pusieron de largo muy pronto, porque di un estirón a los catorce años, la gente cree que tengo más edad. Pero tú sabes...

Pepe. ¡Ay, si lo sé! Soy un viejo comparado contigo.

Luisa. Viejo, no; pero no estás para perder el tiempo. Nuestros padres tienen razón; debemos casarnos; pero cada uno por su lado. ¿No te parece? No es que yo sea romántica (en toda mi vida habré leído dos novelas), ni que yo sueñe con ideales, ni con príncipes encantados; pero estas bodas, arregladas en familia, me parecen bodas de interés, de conveniencia... Un poco de poesía nunca está de más... Sobre todo, que nosotros se puede decir que no nos conocemos. ¿Qué sabes tú de mí? ¿Qué sé yo de ti? Ni me ha importado nunca saberlo. ¿Sabes siquiera si yo he tenido algún novio?

Pepe. No, que yo sepa, y hemos ido juntos alguna vez a bailes y hemos pasado juntos todo un verano.

Luisa. Pues entonces tenía yo novio, ya ves, y ni siquiera te enteraste; eso prueba lo que te importaba.

Pepe. ¡Ah, sí, aquel majadero!... ¿Cómo había de importarme?

Luisa. Pues si me hubieras querido como pariente siquiera, debía haberte importado que yo tuviera relaciones con un majadero.

Pepe. Estaba seguro de que tienes demasiado talento para conocerlo y no casarte con él...

Luisa. Muchas gracias, pero sigues equivocado; estaba enamoradilla de él, y él de mí, no se diga; ¡y si vieras cuando un hombre se enamora de verdad, qué difícil es distinguir a un majadero de un hombre de talento!...

Pepe. No es verdad; un tonto no puede querer como una persona de talento, ni se le puede querer lo mismo.

Luisa. ¿Por qué no? Mira, a las mujeres lo que nos halaga es que por nuestro cariño se transformen los hombres en otros. El cariño es siempre revolucionario, y para el caso lo mismo da que diga la gente: «Fulanito, que era tan simple, cómo se va avisgando desde que usted le quiere.» O que diga: «Menganito, un hombre de tanto talento, ¡qué tonterías hace desde que se ha enamorado de usted!» Por eso yo no me casaría con un santo... ¿Qué iba yo a cambiar en un santo? Pero un hombre, así... algo extraviado... que se dejara

convertir poco a poco. ¡Qué bonito! Querer a un hombre, casarse con él y, al poco tiempo, que aquel hombre sea otro hombre...

Pepe. Un marido de gran espectáculo, con mutaciones.

Luisa. Ahí tienes lo que me parece imposible contigo: porque tú no eres bueno ni malo, no tienes grandes defectos ni grandes virtudes. ¿Estoy equivocada?

Pepe. ¡Quién sabe, quién sabe!

Luisa. No; me parece que contigo no hay sorpresas...

Pepe. ¡Quién sabe, quién sabe!

Luisa. ¿De veras? ¿No eres lo que pareces?

Pepe. ¡Quién sabe, quién sabe!

Luisa. ¡Ay! No seas pesado; dime ese secreto...

Pepe. Si yo no tengo secretos; digo, ¡quién sabe!, porque yo no sé nada.

Luisa. Pero tú, ¿no has querido nunca?

Pepe. Alguna vez.

Luisa. ¿Novia formal?

Pepe. No, muy loca.

Luisa. Digo, pensando en casarte.

Pepe. Pensándolo mucho.

Luisa. ¿Y por qué la dejaste?

Pepe. Porque me enteré de que quería a otro.

Luisa. Entonces di que la que te dejó fue ella.

Pepe. No, ella no quería dejarme; estaba también por las mutaciones, pero por otro sistema.

Luisa. ¿Y sentiste mucho aquel desengaño?

Pepe. ¡Ya lo creo! Fue cuando pasé aquella temporada en París para distraerme.

Luisa. Sí, es verdad. Vaya, vaya, pareció la novelita.

Pepe. Cuando tío Ramón fue a buscarme, comisionado por papá, porque le habían dicho que yo tenía allí amores.

Luisa. ¡Qué gracioso! Con una francesa... Y tío Ramón, quieras que no, te trajo de una orejita...

Pepe. A mí, no; adoptó el sistema más práctico, se la trajo a ella... En el teatro Japonés la tienes cantando.

Luisa. ¡Pobrecito! Todas te dejan... Debes tener el corazón destrozado...

Pepe. No lo creas, fortalecido. Mis equivocaciones en la vida han sido engaños, no desengaños, y no me han entristecido ni me han vuelto desconfiado siquiera. Mi corazón está abierto de par en par.

Luisa. Esperando el cariño soñado, el ideal... ¿No es eso?

Pepe. Yo nunca he creído que el cariño..., el amor, en el lenguaje poético, sea la felicidad por sí solo; nos lleva dulcemente de la mano hasta la entrada; pero después el camino es penoso, y el amor, débil niño, tiene que transformarse en algo más serio, más fuerte, para seguir adelante, en deber, en sacrificio...

Luisa. Está muy bien eso que dices... ¡Primera sorpresa!

Pepe. ¡Bah! Tantas sorpresas podía darte, y tú a mí, y los dos a nosotros mismos... ¿Qué sabemos de la vida? ¿Cómo nos han educado? Con el sistema de los padres en España: de considerar a los hijos siempre como chiquillos; yo, en mi casa, soy siempre Pepito; tú, Luisita, siempre para tu padre: dos chiquillos de quien sólo se espera alguna travesura, de quien nada se toma en serio; nuestros caprichos, más o menos discutidos, satisfechos siempre; niños mimados por nuestros padres, mal dispuestos a ser maltratados por los demás en la vida. Cuando empecemos a vivir por nosotros mismos, pecaremos de osados o de tímidos; no sabremos ir con la tranquila seguridad que da la confianza en sí mismo, porque nuestros padres nos han dicho: «No seas así», o «Debes ser así»; pero «Así eres», nunca. Yo no sé cómo soy, y a ti te pasará lo mismo.

Luisa. Tienes mucha razón. No nos enseñan a conocernos. Y ahora, porque a nuestros padres se les antoja que todo se quede en casa, porque nos juzgan además incapaces de elegir por nosotros mismos, nos dicen, sin más ni más, «a casaros», y, de buenas a primeras, novios un par de meses, y asunto concluido, y después desgraciados para toda la vida... Si no estuviéramos de acuerdo para oponernos... Yo te confieso que no seré la primera en decir que no; tú debes ser quien...

Pepe. Me opondré.

Luisa. Dices que soy muy buena, muy bonita, todo lo que quieras; pero que no soy la mujer soñada... Tú tendrás tu ideal, como todo el mundo. A propósito, ¿cómo es tu ideal?

Pepe. ¿Mi ideal? ¿Para mujer propia? Vas a reírte.

Luisa. ¿Rubia? ¿Morena? ¿Alta? ¿Bajita?

Pepe. No lo sé. Va vestida de gris; es lo único que puedo decirte.

Luisa. ¡Qué chifladura!

Pepe. Como en un cromo inglés que vi hace muchos años: una de esas escenas plácidas de pintura inglesa; una muchacha vestida de gris, que preparaba el pudding de Navidad, y a su

lado, sentado, un joven, el esposo o el prometido, y alrededor unos gatos, y en el fondo unos viejos leyendo la Biblia; y al otro lado, por una puerta abierta a un jardín, unos niños muy rubios, jugando. Había no sé qué en aquel cromo, la escena, el color, un tono general que lo envolvía todo, el color de la dicha a que puede aspirarse en este mundo.

Luisa. ¿Color de rosa?

Pepe. No, agrisado; un tono muy dulce; la dicha que se sueña, sí es de color de rosa; la que puede lograrse, la de la vida, es siempre gris, el color de la melancolía resignada, de la tristeza bondadosa que sonrío y perdona y ama.

Luisa. Yo tengo un vestido gris, no sé si será de ese tono exacto; me lo pondré un día para parecerme a tu cromo inglés, digo, a tu ideal; será en lo único que me parezca.

Pepe. Y yo, ¿qué he de hacer para parecerme a tu ideal?...

Luisa. ¿A mi marido ideal? ¡Ay! Yo sé perfectamente cómo no ha de ser; pero cómo ha de ser no sabría decirlo.

Pepe. ¿Y cómo no ha de ser?

Luisa. De muchos modos. No creas, los defectos grandes no me asustan tanto como los pequeños, esos defectillos que hasta parecen gracias y son los más peligrosos para la intimidad de toda la vida. Por ejemplo: yo tengo una amiga que se ha casado con un muchacho ejemplar, un modelo, todo el mundo lo dice; pues el otro día estuvieron aquí de visita, y por un solo detalle me atrevo a pronosticar que no serían felices. Verás, parece una tontería; el marido le dijo a su mujer: «Merceditas, llevas un descosido.» Y se lo dijo de un modo que indicaba que en aquel matrimonio el marido sería siempre el primero que viera los descosidos.

Pepe. ¡Qué gracioso!

Luisa. Es que aquello sólo indicaba un cambio de papeles muy antipático. ¿Pues qué me dices cuando en un matrimonio es el marido el que tiene que advertir que se gasta mucho? ¡Qué cosa más fea cuando la mujer está a todas horas: «Yo compraría esto, yo tendría esto otro»; y el marido: «Que la vida es muy cara, que no podemos gastar tanto!...» En cambio, ¿hay nada más bonito para una mujer que, sin pedir nunca nada, verse obsequiada por su marido de cuando en cuando con cualquier regalito, y, disimulando mal la alegría, reprenderle cariñosa: «¿Por qué has comprado esto? No estamos para gastos; te habrán llevado un dineral, y es de muy buen gusto», aunque sea un mamarracho y sepamos que le ha costado tres pesetas?

Pepe. Sabes mucho...

Luisa. Es mi sistema con papá, y así consigo que siempre me esté regalando, algunas veces cosas horribles; pero ¡líbreme Dios de decírselo! Y lo mismo haría con mi marido. Hay mujeres tan mal educadas que cambian en las tiendas los regalos que las traen sus pobrecitos maridos, tan ufanos, creyéndolos del mejor gusto... Tú dirás que en qué cosas me fijo y a qué detalles doy importancia...

Pepe. No, no; estamos conformes... Yo también doy mucha importancia a los detalles... y pienso como tú...

Luisa. Así comprenderás que no estaba dispuesta a casarme contigo, ni con nadie, sólo por complacer a papá.

Pepe. Ni yo contigo; puedes creerlo.

Luisa. Creían, porque a ellos les conviniera... Afortunadamente, verán que los dos estamos de acuerdo, y no habrá desaire por parte de ninguno.

Pepe. Por mi parte, nunca lo hubiera habido; me hubiera presentado aquí como novio por no contrariar a papá, y hubiera hecho todo lo posible por parecerte mal.

Luisa. Pues hubiera sido un noviazgo famoso, porque yo pensaba también parecerte insoportable.

Pepe. Afortunadamente, has tenido una gran idea; después de esta entrevista...

Luisa. ¿No era lo mejor? Hablar claro, hablando se entiende la gente; ya lo has visto: hablando aquí, a solas, sin fingimientos, dejándonos llevar de la conversación sin querer...

Pepe. Y sin querernos... he descubierto que tengo una prima encantadora.

Luisa. Y yo que tengo un primo muy simpático y muy razonable, que piensa como yo en muchas cosas de la vida.

Pepe. Es que piensas muy bien en todo.

Luisa. De manera que nuestros padres, si no consiguen lo que se proponen, han conseguido algo mejor para nosotros: que desde hoy nos estimemos de verdad; cuando antes, a mí, te lo confieso, me eras indiferente, pero muy indiferente.

Pepe. Como tú a mí.

Luisa. ¡Y querían casarnos!

Pepe. Ya ves, ¿cómo era posible?

Luisa. Me parece que nunca se habrá descompuesto una boda más amistosamente.

Pepe. De seguro que, casándonos, no estaríamos tan contentos el uno del otro.

Luisa. Ya quisiera yo, si algún día me caso, que mi marido se parezca a ti en algo.

Pepe. Y yo que mi mujer se parezca a ti en todo.

Luisa. ¿De veras?... ¿De qué te ríes?

Pepe. ¿Pero te has fijado en lo que estamos diciendo?

Luisa. ¿Eh?... Pues es verdad. Pero ¡qué tontos! ¡Qué tontos! Ahora resulta que casi nos hemos enamorado el uno del otro.

Pepe. Y que en vista de eso decidimos no casarnos... ¿Qué te parece? Es gracioso...

Luisa. Sí; es gracioso...

ESCENA II

Dichos y la Doncella

Doncella. ¡Señorita! Su tío de usted sale en este momento del despacho.

Pepe. Ha terminado la conferencia.

Luisa. Y nuestra conspiración. En cuanto baje tu padre la escalera, sales por aquí. Papá vendrá en seguida a darme cuenta del resultado de la entrevista. ¡Si supiera!...

Doncella. Han cerrado la puerta de la calle.

Luisa. Pues anda..., vete...

Pepe. Yo quisiera saber, ya que estoy aquí... ¿No podría esperar?...

Luisa. Si papá te ve...

Doncella. Sí, en mi cuarto; venga usted.

Luisa. No, no; si lo ve alguien...

Doncella. Descuide usted, señorita. Diré que ha venido por mí... y lo creerán.

Luisa. Pronto; papá viene.

Doncella. Venga usted... (*Salen Pepe y la doncella.*)

ESCENA III

Luisa, D. Manuel y después Pepe

Luisa. ¿Qué tienes, papá? ¿No me contestas? Yo creí que tendrías que hablarme...

Manuel. No.

Luisa. ¿No estaba tío Carlos contigo?

Manuel. Sí.

Luisa. ¿A qué ha venido tan temprano?

Manuel. A nada.

Luisa. ¿Estás seguro? Vaya, papá, lo que te sucede es que tienes que decirme muchas cosas y no sabes cómo empezar.

Manuel. No tengo que decirte nada. Y, sobre todo, no vuelvas a mentar a tu tío. ¡Ha muerto para mí!

Luisa. Entonces... mi primo Pepe...

Manuel. Ha muerto también.

Luisa. Te advierto que hoy es turno tercero.

Manuel. ¿Y qué?

Luisa. Nada; que con tanto luto en la familia no me parece bien que vayamos al teatro.

Manuel. ¡Turno tercero! ¡Turno tercero! ¡No me importa! Desde hoy te acompañaré todas las noches al teatro, te divertirás, nos divertiremos. No estés triste, hija mía. ¿Se creará tu tío que no hay más hombre que tu primo?

Luisa. Pero es que...

Manuel. ¡Y por cuestión de intereses! ¡Qué falta de decoro! Cuando yo, haciendo un sacrificio y por tratarse de ellos, te dotaba con mis dos mejores fincas y algo de papel y unos créditos que pueden cobrarse, ¿con qué dirás que se descuelga tu tío? Con que él no se desprende de nada, que os pasará un tanto, pero nada más. Conozco yo los tantos de tu tío: os lo pasaría un mes, ¡viejo avariento!, y después os dejaría morir de hambre. Porque yo os doy lo suficiente para la casa, y el coche, y los viajes de veraneo; pero si él no os da nada no tendréis qué comer. ¿Y cómo vais a vivir sin comer?

Luisa. Es verdad; sin comer y con coche... ¿De modo que habéis regañado?

Manuel. ¡No tienes idea! Le he dicho lo que pensaba de él hace mucho tiempo y del botarate de su hijo...

Luisa. Pero, ¿qué sabe Pepe?...

Manuel. Para cuando lo sepa.

Luisa. ¡Ay, papá, estás muy alterado!

Manuel. Es que no puedo con las gentes que todo lo sacrifican al interés, como si todo fuera cuestión de dinero en la vida y eso valiera la pena de descomponer una familia. ¡Un tanto! ¡Un tanto! Y el viejo marrullero ni siquiera quería firmar, para no comprometerse a nada. ¿Pensaba que yo iba a casarte sin garantías?

Luisa. Es la moda, papá.

Manuel. No lo echas a broma.

Luisa. Al contrario. Es decir, que vosotros disponéis y os indisponéis cuando os conviene, sin contar para nada con nosotros, como si Pepe y yo fuéramos dos chiquillos sin voluntad

y sin corazón; ni antes os importaba que no nos quisiéramos, ni ahora que pudiéramos querernos. ¿No es eso?

Manuel. Querrás decirme que estás enamorada de tu primo...

Luisa. Supongamos que lo estuviera.

Manuel. Dejémonos de suposiciones...

Pepe. Sí, dejémonos. Yo estoy enamorado de Luisa.

Manuel. ¡Eh! ¿Qué haces tú aquí? ¿Qué significa esto?

Pepe. Significa que, mientras ustedes hablaban de intereses, nosotros hemos dejado hablar a nuestro corazón; y como hablando, hablando se entiende la gente...

Luisa. Hemos decidido lo contrario de ustedes, casarnos.

Manuel. Así... en media hora. ¡Estáis locos!

Luisa. ¿Qué quiere usted? Media hora de conversación, convenciéndonos de que no debíamos casarnos, nos ha dado a conocer mejor que dos años de relaciones para casarnos.

Pepe. No teníamos por qué fingir...

Luisa. Ni por qué engañarnos.

Pepe. Hemos hablado con franqueza, decididos a no querernos.

Luisa. Y sin querer, sin querer...

Manuel. Eso creéis vosotros. ¡No habréis coqueteado poco! En fin, por mi parte, si os engañáis, y creyendo conoceros a fondo, os conocéis menos que nunca...

Pepe. Ya no es preciso que nos conozcamos más.

Luisa. Ahora nos basta con querernos mucho. *(Telón.)*

FIN DE LA COMEDIA